

Questão de Gênero

MD Magno

Trecho de uma seção dos *SóPapos 2015*,
realizada em 12 setembro na UniverCidadeDeDeus,
sede da NovaMente.

25

Falarei sobre um assunto que, além de estar na moda, tem sido teoricamente maltratado pelos autores que tratam dele. Há uma verdadeira plethora de textos, grupos de ação, etc., sobre a diferença (não mais sexual, e sim) de **Gênero**, como chamam. Domingo passado, um programa bastante longo na televisão mostrava casos de crianças de dois-três anos que recusam suas posições sexuais e se dizem de outro gênero – e as pessoas lá dando respostas as mais estapafúrdias. Há também movimentos fortíssimos, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, de luta política pela liberação do gênero, de trabalho com a teoria *queer*, a teoria *camp*... Os autores mais citados são Foucault e Derrida – há outros –, que embatem uma luta político-filosófica se utilizando do argumento do *desejo das pessoas*. Entretanto, observo que não se preparam outros argumentos – que até venham corroborar a efetiva aceitação do desejo das pessoas. Na análise mais recente da questão, querem vencer politicamente na base da argumentação de que as posições eróticas, de gênero, etc., são meramente posições de *performance*. Ou seja, que é a performance do mundo que quer determinar essas posições. Então, como parece que é só isso que têm a

dizer e acho que ainda não falei sobre essa questão, quero falar hoje.

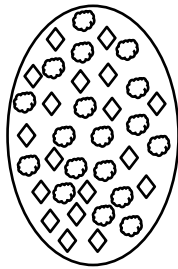
• P – *Diretamente e mais detidamente, você não falou muito. Mas, do ponto de vista teórico geral, já tratou, por exemplo, da posição TRANS ao analisar o quadro de Rafael, A Transfiguração, no Seminário Grande Ser Tão Veredas, de 1985.*

O que tenho a dizer hoje é mais preciso. A **Teoria das Formações** é uma ferramenta da melhor qualidade para tratar desses assuntos. Ela abre questões importantes e, de certo modo, traz soluções também de boa qualidade. Se permanecermos numa discussão subjetiva ou de posição desejo, como esses autores gostam, tudo ficará muito misturado e o encaminhamento, sem esclarecer, só pode vencer pela persuasão. Trago, então, uma teoria que suponho ser mais sólida para situar a questão.

É um pouco difícil tomar uma criancinha de dois-três anos recusando a imposição de gênero por causa da anatomia reprodutiva e achar que esta recusa seja da ordem do psiquismo ou da pressão social. Ao contrário, parece que a criança já tem certa informação que lhe diz que isso não está certo, que tal penduricalho, por exemplo, não é seu e ela quer saber quem o pendurou lá. Ao contrário também da repetição por Freud da frase de Napoleão – “a anatomia é o destino” –, sabemos que, para esta nossa espécie, a anatomia é muito pouco determinante. O *design* anatômico de um aparelho reprodutor, do ponto de vista biológico, é pouquíssimo argumento. Tanto é que nunca funcionou. E mais, em termos de comportamento sexual, por exemplo, sequer funciona para animais de escala um pouco superior. Já tratei disto longamente ao considerar o livro de Bruce Bagemihl, *Biological Exuberance: Animal Homosexuality and Natural Diversity* (Nova York: St. Martin’s Press, 1999, 752 p.). Animal não é transgênero, nem sabe que gênero existe; não é transexual, pois não faz cirurgias – mas, com frequência, é homossexual. O que acontece aí? Por que acontece? Qual teoria aplicar para melhor esclarecimento?

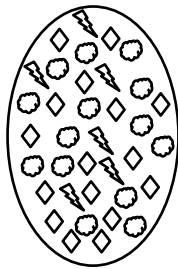
Nosso trunfo, nossa carta-na-manga é, como disse, a Teoria das

Formações que, com as separações já instauradas, torna mais fácil entender e argumentar. Vejamos os desenhos abaixo:



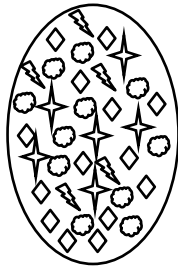
Animal: 1AR: $A\Sigma$ (\diamond) + $E\Sigma$ (\odot)

Entrelaço de dois



Homem: 1AR + 2AR + OR: $A\Sigma$ + $E\Sigma$ + $H\Sigma$ (\blacktriangle)

Entrelaço de três (borromeano)



[Neo-etologia]: 1AR + 2AR + OR: $A\Sigma$ + $E\Sigma$ + $H\Sigma$ + $N\Sigma$ (\star)

Entrelaço de quatro (borromeano incluindo o sintoma)

Tudo isso é mais que uma rede (a ideia de rede é mais de superfície). Trata-se, sim, de uma pletora, de um enxame, de uma *maranha*. O primeiro desenho, com sua maranha, anota o que podemos chamar de constituição *animal*. Como sabem, eu disse que os animais são constituídos apenas de Primário (1AR). Então, aí, temos a maranha do Primário, o qual se constitui de *Autossoma* ($A\Sigma$) e *Etossoma* ($E\Sigma$). Trata-se de um emaranhado de funções, pois, separar Autossoma de Etossoma, não é algo anatômico. São duas *funções*: a autossomática e a etossomática. O Autossoma é como se fosse um código de produção da constituição física do bicho. O Etossoma, misturado ao Autossoma, é o modo de o animal se comportar segundo sua espécie. São, portanto, duas formações que constituem o Primário de um animal.

No segundo desenho está a hipótese que fiz de que, no caso do humano,

como herdeiro dos animais, temos outro tipo de maranha. Além de Autossoma e Etossoma, nesta espécie de IdioFormações – em nosso caso, de Pessoas –, sabe-se lá por que, com o aumento da complexidade que já é exponencial, *emergiu* uma formação nova, o *Heterossoma* (HΣ). São, portanto, três *formações em maranha*. Faço questão da ideia de **emergência**, que é o contrário da ideia de *redução*. Para os reducionistas, o que quer que esteja em funcionamento pode ser explicado pela simples *análise* de seus elementos. Quando se consegue fazer a análise – química, por exemplo – de algo, supõe-se esse algo que seria apenas resultado das formações que lá estão. Só que isto não dá certo pois, frequentemente, um conjunto de formações resulta num *salto diferencial*. Os emergentistas, caso em que estou, acham que, ao se instaurarem conjuntos de formações, o salto criará uma formação maior do que a soma das partes iniciais. Assim, algo no Primário se complexificou de tal modo que houve um *salto emergencial* que fez surgir outra formação, que chamo de Heterossoma, a qual é o Princípio de Catoptria e o Revirão, ou Originário, que esta espécie incluiu. E, uma vez que isto acontece, começa a se propiciar o Secundário (2AR). Este emerge por causa do Originário (OR). Ou seja, somaticamente, surgiu – como (e no) Primário, não se esqueçam – uma formação nova que subverteu radicalmente a função etossomática. O Etossoma continua lá, difícil é distingui-lo, pois a criança entra na cultura e tudo se mistura. Espero que, no futuro, a leitura da constituição informacional da espécie venha mostrar cada ponto de um e de outro. Como sabem, não responsabilizo os neurônios-espelho pelo Heterossoma: para além deles, deve existir uma *função* – talvez dispersa no próprio cérebro – que é *catóptrica*.

• P – *O Etossoma da espécie das IdioFormações, das Pessoas, não é mais precário do que o dos demais animais?*

Acho que não. É mais forte. Os etólogos, sem prova biológica, não têm coragem de dizer isto. Acho, ao contrário, que o Etossoma humano é mais poderoso, só que é inteiramente *possível* de ser subvertido pelo Heterossoma.

Grande parte do comportamento das pessoas é mais etossomático, mais animal do que queremos supor. Inclusive, o comportamento do sistema autônomo, que não governamos. Ele até pode ser afetado por uma loucura, por um sintoma psíquico, mas continua lá funcionando sem acesso direto de nossa parte. O funcionamento fisiológico é etossomático, se não, para. E mais, não acho que cada um da espécie nasça com pouca marcação etossomática. Perguntei isto a António Bracinha Vieira, quando esteve aqui conosco, mas ele escapou da questão. É resquício de cientista, que, sem comprovação, não se permite fazer afirmações. Acho, pois, que o Etossoma é muito forte, mas é de tal maneira subvertido pelo Heterossoma que ainda não temos como saber se tal comportamento é cultural ou etológico.

• P – *O conceito de Etossoma é mais amplo do que o de comportamento inato dos etólogos.*

Sim. Ele inclui o comportamento fisiológico, que é automático. Um bicho morto tem apenas um resto de Autossoma, que vai se desmilinguir. Quando está vivo, vemos o Autossoma do ponto de vista do automatismo fisiológico. Isto é Etossoma, é comportamento daquela carne. E há outros comportamentos inscritos. Por isso, cachorro é cachorro, cavalo é cavalo... Nossa espécie tem uma anatomia e uma genética muito próximas do primata. O primata, aliás, tem coisas a mais, e não a menos do que nós. Geneticamente, somos menores do que ele.

No terceiro desenho, temos as maranhas do Autossoma, do Etossoma, do Heterossoma. O funcionamento destes três resulta em Secundário, o qual – incorporadamente, estritamente, na ordem cerebral, na ordem celular, etc. – resulta no pior em nossa espécie: a *Neo-etologia* ($N\Sigma$). Temos, então, aí, quatro maranhas para governar nossa existência – é um terror. Como disse, houve um processo emergencial do Heterossoma, o qual fica disponível à possibilidade do Secundário, que é toda a ordem cultural, etc., que vai sendo criada a partir da imbecilidade corporal. Aliás, não há muita saída se não for assim. Por isso, leva

milênios para uma cultura chegar a um mínimo de organização secundária. Temos, pois, o Neo-etossoma. Neste caso, houve uma virada pelo avesso: a evolução foi para o lado de fora do Primário. O Inconsciente é do lado de fora, foi para dentro do todo do Haver mas, sem o Primário também fazer registros, gravações das coisas que constituem sua ordem sintomática, não há essa ida para fora.

Repito que **nossas constituições sintomáticas são lesões no Primário**. O Secundário é o efeito disso. Freud, em determinado momento, achou que bastava esclarecer o analisando sobre algo que este não sabia, que estava recalçado, mas quebrou a cara. Inventou, então, a ideia de *perlaboração*, a qual é uma tarefa difícilíssima. Por quê? Porque a sintomática está lá gravada. Há que inventar expedientes de desgravar, o que é muito difícil, ou fazer outras gravações para competir com a gravação anterior do sintoma, o qual é gravação física. Não há metafísica aqui. Já lhes disse que só há a *MerdaFísica*. Às vezes, lutamos anos com o sintoma de alguém tentando minorar e, de repente, vemos que não vai dar. Sugerimos, então, outras gravações que possam entrar em competição com as anteriores. Aí, pode funcionar.

Quando, segundo a Teoria das Formações, pensamos em termos de formações constitutivas da pessoa, podemos entender que existem *Fundações Mórficas*, as quais estão constituídas no Primário não se sabe onde. Suponho que seja no nível do etossomático, mas podem estar engrazadas com o autossomático. E mais, **as formações autossomáticas e as etossomáticas não são necessariamente associadas**. É aí que está o problema: *não há associação necessária*. Bem frequentemente elas são dissociadas. Então, pensar em termos de dissociação das formações nos deixa entender que, espontaneamente, a dissociação aparecerá no comportamento. Por que, então, a criancinha de anatomia macha diz que é menina? Porque suas formações etossomáticas não estão associadas a suas formações autossomáticas. Ou seja, sabe-se lá por que, talvez por problemas genéticos, ou epigenéticos, há inscrições etossomáticas

contrárias às construções autossomáticas. Então, etossomaticamente, feito um animal, ela não aceita aquela anatomia. Não há, portanto, isso de a anatomia ser o destino. Ela pode ser toda macha e o etossomático ser todo fêmeo. É do mesmo jeito que, nos estudos da genética e da embriologia, aparece o *tipo mosaico*, que é alguém, autossomaticamente, ter uma composição genética diferente em cada parte do corpo. Há pessoas que, de cima embaixo, têm a mesma genética. Outras, não. O tipo mosaico, aliás, parece que é o mais frequente.

A criança, ao ver que há meninas, olha para sua anatomia diferente e diz que é menina. Aí o analista chato e o psiquiatra burro dirão que é identificação. Não é. É, sim, *reconhecimento*: “Sou aquilo, e não isto”. São formações espontâneas, dadas, sendo que esta espécie é de uma complexidade tal que as formações etossomáticas de uma pessoa nunca são as de outra. Há um baralho genético, um baralho epigenético, um baralho embriológico... É, portanto, mais de esperar que não haja associação do que haja associação. É mais fácil dissociar. A cultura diz “você é menina”, “você é menino”, “você goza assim”, “você goza assado”, a pessoa fica aprisionada e, por via secundária, faz uma Neo-etologia falsa em relação às suas formações outras. Em análise, ao ser questionada sobre o neo-etológico do sintoma, ela fala de seu lugar em outras áreas. A dureza sintomática do neo-etológico começa, então, a desmoronar. Por ser *soft*, por ser apenas gravação, publicação, pode desmoronar. A análise mexe no texto do Secundário. A biologia, por sua vez, quando opera fora da norma ideológica, sabe que o que reconhece como disfunções é mais frequente que as funções. Por isso, busca aparelhos cada vez mais poderosos para tentar recompor os funcionamentos. Na medicina inteligente também há a noção de que cada caso é um caso.

- P – *Mas, no caso de doenças autoimunes, elas são consideradas disfunções, fora da norma, e, se não forem tratadas, podem matar...*

Viver mata. Já foram encontradas tribos isoladas, em que todos são

disfuncionais em certa região genética. Uma tribo de albinos, por exemplo. O que fazer? Para eles, é assim. Não adianta dizer que isso mata, porque a vida mata. Só morre quem está vivo. Logo, a vida é um troço mortal, é uma organização terminal. Observem que o sistema é todo adaptativo: desde que se consiga evitar a morte rápida, está-se produzindo adaptação. É um tipo de homeostase postiça. Produz-se adaptação porque a resistência do Primário é muito forte. O Primário quer continuar, mesmo passando mal.

Quero dizer, portanto, que há um *Ethos* em todos os sentidos na produção dos seres vivos e em nossa espécie. A partir de agora, escrevamos **GenÉtica** deste modo, pois o gene é ético. Lacan pensava que o estatuto da psicanálise era ético. Não é, o **estatuto da vida que é ético, é comportamental**. Espinosa, ao falar do *Conatus*, está falando de uma *ética da vida*. Tanto é verdade que, em qualquer código criminal, consta a permissão de *legítima defesa da própria vida*. Não é crime matar em legítima defesa porque, repito, a vida é ética, ou seja, em última instância, é comportamental (*ethos*): trata-se de sustentar comportamentos. Isto nada tem a ver com algum behaviorismo. Lacan, ao dizer que sua ética é “não abra mão de seu desejo”, está dizendo que sua ética é vital, e não psicanalítica. Então, se digo “não abra mão de seu desejo”, estou dizendo: “Seja como um animal”.

Entre as competências das formações primárias estão a *competência cognitiva* e a *competência recognitiva*, isto é, de aprendizagem. Elas estão nos animais, isso é Primário. Pode ser extremamente desenvolvido pela espécie em catoptria e virado pelo avesso: o Secundário vai para o lado de fora, mas a competência é primária. A performance pode mudar pelo fato de o Primário ser invadido, primariamente, pelo Heterossoma. Para pensar fora disso, é preciso ter um idealismo radical, ter uma alma do outro mundo, dentro de cada um que se manda para o céu, para o inferno... Por isso, é que tantos autores não têm esse dualismo cartesiano de *Res extensa* e *Res cogitans*. Não há isto, há apenas uma *Res*. É a *Res Rei*, o rés do chão. Freud não sabia que existiam Fundações

Mórficas, nem tinha este conceito, mas tentava explicar chamando de *Predisposição*. Essas competências primárias, com suas formações minimais, são responsáveis pela formação de vários comportamentos que já vêm com predisposições. Não é que nossa espécie vá funcionar como o animal, em que as predisposições funcionam quase que de modo direto. Digo quase por que ele também tem epigenética. Mas, em nossa espécie, há uma boa predisposição mediante gosto, maneiras, escolhas estéticas... Por que a criancinha faz birra e diz que não gosta de tal coisa, de tal comida? Há, nela, uma competência estética. É preciso convencê-la a mudar de estética e saber que não é um animal, que pode comer de tudo. Lembrem-se de que a espécie humana é chamada de onívora (mas quanto ao sexo, as pessoas se esquecem disto). Assim, embora haja grande frequência de congruência entre as formações primárias, não se trata de *universal* algum. Nem no Primário há universal, pois as incongruências comparecem genética ou epigeneticamente, embora com frequência menor. Há que pensar só em formações, em jogos de formações. Assim fazendo, vemos que as pessoas têm predisposições da pior espécie – como também da melhor. A pessoa vem vivendo e se depara com um elemento responsivo a uma forte predisposição primária sua. Aí é o terror, pois ela pode se tornar drogada, alcoólica... Ela encontrou a felicidade no Primário – só que esta felicidade vai matá-la. Aliás, toda felicidade é mortal.

Por que há homossexualidade entre animais? Não deveria haver – eles não têm educação. A partir de pesquisa de campo, Bagemihl, autor mencionado há pouco, denunciou a zoologia anterior como ideológica por ver um bicho transando com outro e supor que o de cima era macho, e o de baixo, fêmea. Sua pesquisa verificou que não era sempre assim. Mas animal não tem gênero, só tem sexo e, eventualmente, homossexualidade. Isto porque, mesmo no nível animal, a dissociação entre Autossoma e Etossoma pode ser evidente. A pesquisa, então, sobre as questões de gênero, ganha em precisão se aplicar a Teoria das Formações, que considera o neo-etológico como sintoma, inclui o

etossomático, o autossomático e o heterossomático. Há, sim, dissociação evidente entre o Autossoma e Etossoma. A criança pequena reclama do gênero por ter *ouvido* falar nele, pois gênero é secundário, e não primário. Mas há homossexualidade no animal, que não tem educação – portanto, não tem gênero –, porque, nele, já está a dissociação entre o Autossoma e Etossoma. Sem a Teoria das Formações, pensamos em animal macho, que deveria funcionar de tal modo, e fêmea, de tal outro. Um animal autossomaticamente macho, por exemplo, etossomaticamente pode ser homo. Seus gostos são esses porque são assim desde que ele existe.

Em nossa espécie, o problema é mais sério porque o gosto pode ter sido modificado por via secundária. Diante de uma pessoa com tais gostos eróticos, não há atualmente condição de distinguir se são etossomáticos ou da ordem do neo-etossomático. Falta muito para a biologia, a genética, etc., terem registros que se possam distinguir. Por que tal cara só gosta de transar com homem? Primeiro, porque tem direito: o troço é dele e ele faz com ele o que quiser. Segundo, porque isso pode ser etossomático. Pode ser uma *fundação mórfica* vigorosa, que dá tesão mesmo. Terceiro, como nossa espécie é aberta por causa do Revirão, pode ser pelo que Freud chamava de bissexualidade, que, aliás, é um péssimo nome, pois é simplesmente *sexualidade*. Ou *anfissexualidade*, como já chamei. Então, se existe anfissexualidade, provavelmente o comportamento pode ser facilitado por via secundária. Vejam que não estou negando que possa existir um Primário, um Etossoma, que fica disponível para qualquer tesão. A pessoa pode ter um Etossoma bem diversificado. Se não fosse assim, a alimentação não se transformaria em *gourmet*.

Voltemos à questão do *Gênero*. Não há dúvida de que gênero é algo construído ideologicamente. Mas por quê? Por que a constituição ideológica do gênero? Estou dando saltos na teoria, pois quero perguntar por que, na história da humanidade, em certos períodos longos – sobretudo, suponho, a partir do Segundo Império –, há forte repressão sobre comportamentos não compatíveis

com o Autossoma (macho + fêmea = fazer neném)? O aparelho sexual, ou melhor, genital, foi feito para a reprodução, mas, se não fosse tão dominante, não se quereria ter filho, pois não se é tolo a ponto de querer trepar para ter filho. Trepa-se para gozar. Criança é um estorvo. Por isso, existem camisinha, anticoncepcional, etc. Como os animais não sabem disto, são colocados para reproduzir e gerar riqueza para nós. Se o Artifício Espontâneo não colocasse a reprodução como algo violentamente requisitado pelo tesão, nada aconteceria. O sexo é tão pesado porque, para a reprodução continuar, apareceu um sintoma de ordem etossomática constituído como fundação mórfica de uma violência enorme. Os animais são mais felizes por terem cio apenas uma vez por ano. O resto do tempo, ficam pastando. Então, por que existe uma história da repressão e uma possibilidade de deslocamento tão fortes? E mais, em nossa época, junto com a entrada do Quarto Império, em função de que tipo de deslocamento essa repressão está se afrouxando? Quanto mais para trás nos Impérios, mais a evidência da anatomia, isto é, do Autossoma reprodutivo, dava a impressão de que ele tinha que ser *a* referência. À medida que a referência vai se aproximando do Secundário e que este vai se aproximando do Originário, o que alguém tem a ver com a anatomia do outro? Mediante grandes construções secundárias – da biologia, da física, da genética... –, começa-se a perceber que as determinações não são apenas autossomáticas. Ou seja, a construção autossomática da anatomia passa a ser *apenas um* dos ingredientes, e o resto é muito grande. O problema de gênero é, portanto, só esse – e ainda por cima há uma cultura que diz que machos fazem assim, e as fêmeas, assado. Vejam que é uma grande construção secundária constituída a partir da referência ao Autossoma anatômico. Isto, quando a referência era essa. À medida que a Informação vai demolindo a ideia de determinação única, a sobredeterminação vai ficando enorme e cada vez mais *soft*.

- P – *Uma das reivindicações de hoje é o abandono do binarismo sexual como critério de identidade.*

Sou a favor. A criança deveria ficar em suspenso até se determinar. Para qual lado? Este ou aquele? Não! Para uma centena de lados. Quantos gêneros podem existir? Se acoplarmos gênero à genitália, ferrou tudo. O gênero há de ser tão artístico quanto uma obra de arte. Cada um inventa sua performance genérica. O gênero tem que virar uma obra de arte – como tudo, aliás. Nossa espécie só presta para fazer Arte.

Os autores ficam discutindo sobre a questão do gênero como gosto, como experiência política... É preciso dizer-lhes para não descartarem o Primário, o qual, em nosso caso, não é o do Primeiro Império, e sim aquele do Quarto Império. Este é de uma potência enorme. Quantas determinações há dentro de um corpo? Além de ele ser sobredeterminado de maneira diferente, ainda por cima é hiperdeterminado.

• P – *Se ora é uma coisa, ora outra, qual é a eficácia de classificar tipos de gênero para as pessoas? Não se recairia também numa classificação fechada?*

Em nossa consideração, não se trata de classificação, e sim de possibilidade de *expressão*. As pessoas têm forte tendência a *identificações* estilísticas, mas a possibilidade de *expressão* estilística é aberta. O mais frequente sempre será que uma pessoa, em seu desenvolvimento de vida, crie um estilo. Isto porque a sobredeterminação é grande e, mesmo que a HiperDeterminação funcione frequentemente, a pessoa acaba artisticamente inventando *seu modo de expressão*. Em vez de perguntar a alguém qual é seu gênero, a pergunta é: “Qual é seu estilo?” Ele retrucará: “Não está vendo? Olhe!”

Importante para nós é que há as formações, elas competem, são das mais diversas cepas... É como acontece com a literatura: um autor tem seu estilo, o qual, durante sua vida, foi desenvolvido por SobreDeterminações e por HiperDeterminação. Já se exigiu que um autor tivesse tal estilo, e não outro. A crítica limitava como se limitava o sexo. Na pintura, era uma prisão. Hoje,

parece bobagem um movimento como o impressionista, mas, em sua época, foi uma guerra de “gênero”. No Brasil, o modernismo foi uma guerra e, mesmo dentro dele, houve guerra: uns eram mais para a direita, outros mais para a esquerda.

• P – *Lygia Clark queria não ter estilo.*

É o que eu gostaria para mim. Em meu primeiro livro, *Aboque/Abaque*, quis guerrear contra os estilos. Como sair do estilo, não ser ninguém? Tentamos, mas não conseguimos.

• P – *Quanto ao Maneirismo, você diz que é o estilo do humano, que é maneiro...*

... o Maneiro está no TRANS, e não no estilo. O que é o Maneirismo? Diziam que parecia uma mistura de Barroco com Clássico, mas é tão TRANS que Michelangelo inventou a forma *serpentinata*, em que não sabemos bem se a figura está se virando para cá ou para lá. O Maneirismo é transexual, transgenérico, (não subversivo, mas) transversivo, transviado...

• P – *Hilda Hilst é outra que esculhambou as possibilidades de gênero literário pela transversalidade do místico com o pornográfico.*

Ela foi alguém capaz de criar o misticismo pornográfico. Georges Bataille teorizou isto com sua Pornografia Transcendental. Isto, aliás, é ainda algo difícil de as pessoas entenderem, pois o Quarto Império só entra para alguns. A maioria vai morrer no Terceiro.

• P – *Freud, no texto A Denegação, fala sobre os movimentos da criança de incorporação, botar para dentro, e de expulsão, botar para fora. Isto já é o etológico?*

É o etológico. São as fundações mórficas. Por que, quanto à mesma coisa, uma criança engole e outra cospe? Vejam agora os entrelaços que lhes trouxe, aos quais podemos reduzir essas formações. Lacan os chamava de nós, mas não são nós. Prefiro a ideia de *maranha* à de nó. O animal só tem um entrelaço de dois. A espécie humana nasce com um entrelaço borromeano de três, mas

termina com quatro, com mais o entrelaço do sintoma (Σ), que é o neo-etológico de cada um.

• P – *Beatriz Preciado, no livro cuja leitura você indicou, Manifesto Contrassexual (São Paulo: N-1, 2014), traz uma questão performática?*

Não deixa de trazer, e não dá solução. Mas ela/ele está dizendo algo muito claro quanto à ideia de *dildo*, pois, se estamos nos encaminhando no sentido do Secundário para o Originário, o qual é a referência? Não é o órgão genital, e sim a *Prótese*. *O sexo é do dildo*, o pênis é que o imita, e não o contrário. A referência anatômica já foi a referência, mas, se estamos passando de Secundário a Originário, a referência anatômica passa a ser a prótese. O parâmetro passa a ser este, o resto é figuração sua. Ela/e está dizendo que *o sexo é protético*. O pênis, aliás, é uma prótese meio paralítica. Ou seja, se gênero pode ser qualquer coisa, há que sempre perguntar sobre quais formações estão lá em jogo. Isto constituirá tal *estilo*. É assim que, quanto a nós, devemos tratar os analisandos, buscando saber quais as Formações que os compõem. Não temos, de modo algum, que classificar. Temos certa classificação da patologia para *nossa orientação*, mas não para *determinar o outro*. Há que utilizar o Pensamento Perplexo.

• P – *Fui tirar passaporte e perguntaram qual era o sexo de meu pai.*

Desde o Segundo Império, o pai é macho. No Quarto Império, não é preciso de pai e mãe. Nele, “pai” é um espermatozoide e “mãe” um óvulo.

• P – *E quanto à adoção?*

O princípio da adoção está fundamentado no passado. Num casamento a três, como se faz com a criança? O pessoal quer ainda se casar a dois, macho com macho, fêmea com fêmea... Como a ordem jurídica dará conta de um casamento a cinco?